

# Freud e "A Violência da Guerra"

Edna Matosinho de Pontes

Freud tende a admitir que de nada vale tentar eliminar as tendências agressivas dos homens, mas é possível tentar desviá-las para outras formas de expressão que não a guerra

O mundo acaba de passar por mais uma guerra. Apesar de a possibilidade de um conflito armado ter sido usada desde o princípio como ameaça, caso as forças iraquianas não desocupassem o Kuwait, fui pega de surpresa.

As buscas de diálogo foram tão ineficazes quanto foi insuficiente a simples encenação da possibilidade de destruição contida na exibição do arsenal bélico e na descrição de seu fantástico poder destrutivo. Foi-se às vias de fato. Nada quebrou a intransigência. Venceu a absoluta eliminação do outro enquanto ser — ou nação — possível de tolerância ou compreensão.

**Edna Matosinho de Pontes** — Psicanalista, membro do departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae

Este trabalho foi escrito a partir do material apresentado no debate "Violência Hoje", realizado em março de 1991 no Instituto Sedes Sapientiae e organizado pelo Departamento de Psicanálise (v. Percurso nº 5/6 — crônica).

Essas considerações iniciais são indicativas das razões que me levaram a procurar entender um pouco melhor por que as coisas se passam dessa forma. Por que, mal respiramos aliviados com o fim da guerra fria, o mundo se vê às voltas com uma nova guerra?

Será a guerra inevitável? Na busca de alguma compreensão de questões que sei de antemão muito difíceis, retorno a Freud.

Sabemos que há uma complexidade de fatores envolvidos na eclosão, no desenrolar e na conclusão de uma guerra — se é que se pode falar realmente em conclusão nesse caso. Quero deixar claro que vou procurar ater-me aos limites que se impõem a uma abordagem psicanalítica desse assunto. Não pretendo fazer uma abordagem psicologizante de um fenômeno que envolve questões sociais, políticas, econômicas, etc., que escapam completamente ao alcance da psicanálise.

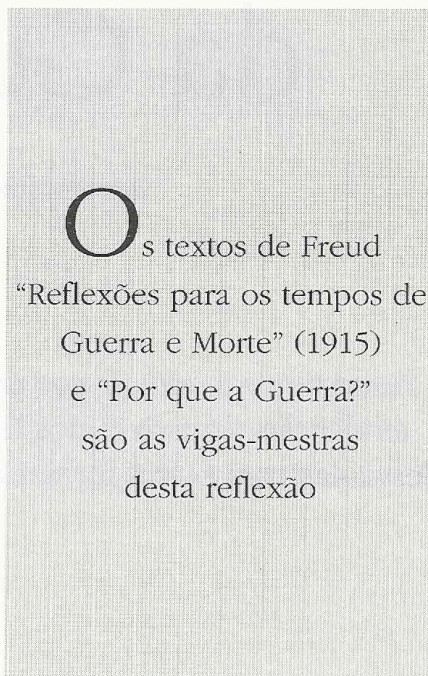
Usarei como vigas-mestras da minha exposição dois textos de Freud sobre a guerra: “Reflexões para os Tempos de Guerra e Morte”<sup>1</sup> e “Por que a Guerra?”<sup>2</sup>

Cerca de dezoito anos separam um texto do outro. Freud escreve “Reflexões para os Tempos de Guerra e Morte” em 1915, seis meses após o início da Primeira Guerra Mundial, e “Por que a Guerra?” em 1933, em resposta a uma carta de Einstein. A pergunta de Einstein e a resposta de Freud inauguram um movimento de intelectuais renomados em prol da paz, liderado pela Liga das Nações.

Os anos que separam um texto do outro foram importantíssimos do ponto de vista não só de avanço da teoria psicanalítica, com novos conceitos e aportes, mas também quanto ao tipo de produção. É aí que se concentra a maior parte dos trabalhos de Freud sobre a chamada Psicologia Coletiva: “Psicologia de Grupo e Análise do Ego”, de 1921<sup>3</sup>, “O Futuro de uma Ilusão”, de 1927<sup>4</sup> e “O Mal-Estar na Civilização”, de 1930<sup>5</sup>.

Dos conceitos que Freud desenvolve neste período vão nos interessar fundamentalmente: a nova teoria das pulsões, em que opõe o conceito de pulsão de vida — Eros — ao de pulsão de morte — Tanatos<sup>6</sup>. Desenvolve a Segunda Tópica com seus conceitos de Id, Ego e Superego<sup>7</sup>. O Complexo de Édipo, a par do Complexo de Castração, ocupa definitivamente seu papel nuclear, fundante do homem, como ser capaz de simbolizar e essencial na passagem da Natureza à Cultura<sup>8</sup>.

“Reflexões para os Tempos de Guerra e Morte” e “Por que a



Guerra?” levantam uma série de questões. Vou privilegiar algumas delas e organizar minha exposição em torno de três grandes eixos:

1º, o paradoxo entre guerra e civilização;

2º, a lei e a violência;

3º, as atitudes frente a morte.

### **1º, Eixo: Paradoxo entre guerra e civilização**

A questão a respeito do paradoxo entre guerra e civilização nos remete ao Freud de 1915, em meio a uma grande guerra, deflagrada

entre as nações tidas como as mais civilizadas do mundo.

Para descrever o poder e a amplitude da devastação provocada pela guerra, vou recorrer a um trecho do ensaio “Sobre a Transitoriedade”<sup>9</sup>, escrito por Freud nesse mesmo ano:

“(…) rompeu a guerra e despojou o mundo de suas belezas. Destruiu não só a beleza das paisagens por onde passou e as obras de arte que deparou no caminho, mas destruiu também nosso orgulho pela realização da cultura, nosso respeito por tantos pensadores e artistas, nossa esperança de uma superação final das diferenças entre povos e raças. Maculou a altiva imparcialidade de nossa ciência, mostrou nossa vida instintiva em toda a sua nudez, libertou os maus espíritos que existem em nós, os que julgávamos domados para sempre, por séculos de educação através das mentes mais nobres. Tornou nosso país novamente pequeno e o resto do mundo novamente distante. Despojou-nos de muitas coisas que amávamos e revelou a fragilidade de tantas outras que acreditávamos sólidas”.

Esse quadro, pintado de forma tão vívida, deixa ver não só a devastação do mundo externo e de todos os seus valores culturais, como também seus reflexos transformadores no próprio Freud.

Ele inicia suas “Reflexões para os Tempos de Guerra e Morte” confessando-se confuso, perplexo, em estado de desorientação sobre o real quadro da guerra (devido à censura e à manipulação das informações) e totalmente perdido quanto ao futuro. Escreve esse ensaio como uma tentativa de encontrar um rumo “ao menos dentro de si mesmo”.

Percebe-se que ele tenta, usando toda a capacidade de reflexão de que pode dispor nesse estado de espírito, dar conta do colapso daquilo que era sua visão de mundo e incluía a Europa e seus valores, o estilo de vida e tipos de relações estabelecidas entre homens e nações civilizadas.

Esperava que normas e padrões morais que balizavam o comportamento e funcionavam como esteio para indivíduos e sociedades apontassem outros caminhos — igualmente civilizados — para a solução de conflitos.

Tanto os indivíduos como os Estados que os governam deveriam observar, como pressupostos da sociedade civilizada, a renúncia à satisfação das pulsões, ao uso da mentira e da fraude; deveriam fazer uso da capacidade de autodomínio; as relações sociais teriam como suporte a compreensão e a tolerância. Com confessado horror vê que essas regras não valem mais nos tempos de guerra. Pelo contrário, tanto Estados como indivíduos praticam o desrespeito, a crueldade, a destrutividade, a mentira e a fraude.

Próximo à perplexidade, conclui: “O Estado proíbe ao indivíduo a prática do mal, não porque deseja aboli-la, mas porque deseja monopolizá-la”.<sup>10</sup>

Chama a atenção o tom moral que ele usa nesse texto. Apesar de dizer que as noções de “bem” e “mal” são dadas pela sociedade, ele se apropria desses conceitos para classificar as pulsões. Faz-me pensar que, dada a situação em que escreve este ensaio, a isenção científica não se fez valer. Creio que ele tenta essa isenção ao dizer que pulsão alguma, em si mesma, é boa ou má, sendo muito complicado classificar, em termos absolutos, algo como bom ou mau. Mas, quando está tão envolvido emocionalmente, torna-se difícil deixar de tomar partido pelas “pulsões boas”.

Mesmo dizendo não acreditar em virtude e nobreza inerentes aos homens, Freud esperava que o processo civilizatório tivesse operado, internamente, uma “transformação” nas pulsões.

Dois fatores provocariam a transformação das “más pulsões”:

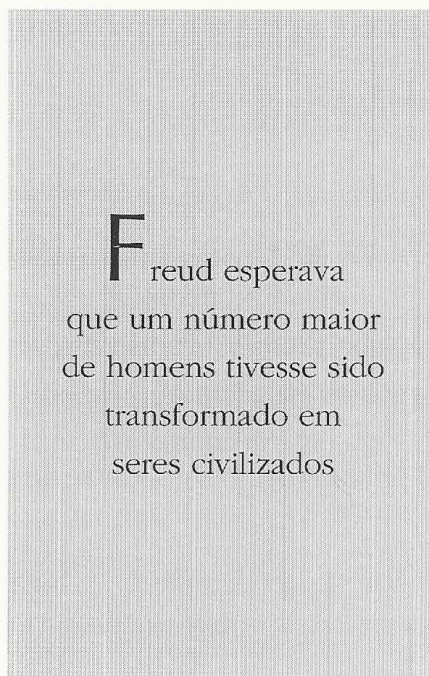
a) Fatores internos — pela mistura de componentes eróticos, as pulsões “egoístas” seriam transformadas em “sociais e altruístas”.

Chama de impulsos eróticos a necessidade humana de amor. Teria como base a renúncia (repressão) às realizações pulsionais sexuais.

b) Fatores externos — seriam exercidos pela educação, através da pressão social.

Freud recorre ainda ao conceito filogenético para explicar o processo civilizatório. Lança mão de uma “coerção interna”, que seria uma predisposição hereditária<sup>11</sup> para a transformação das tendências egoístas em tendências sociais.

A somatória de fatores internos, fatores externos e coerção interna



inata resultaria em algo, sujeito a variações individuais, que ele chama de “susceptibilidade à cultura”.

Esperava que um número muito maior de homens tivesse sido de fato transformado em seres civilizados e as estruturas éticas e sociais que davam suporte ao mundo civilizado fossem mais sólidas.

Aí reside sua grande decepção — as transformações pulsionais não foram nem tão profundas nem tão amplas quanto, levado pelas aparências das ações, ele havia suposto.

O advento da guerra fez com

que revisse seus pontos de vista. A necessidade de pressão externa — através não só do amor, mas também com o uso de recompensas e punições — como condicionante de condutas sociais civilizadas é muito maior do que ele antes acreditara. A guerra mostrou o quanto havia de projeção de seus próprios sentimentos e desejos nessa concepção.

Dessa forma, um homem pode comportar-se bem não por um “enobrecimento” das pulsões, mas enquanto o comportamento civilizado for vantajoso para seus propósitos egoístas.

Está aí o cerne da questão do “reprimido”, vista agora sob o ângulo do social, que pode retornar e eclodir de outras formas, produzir formações de compromisso ou ser um perene gerador de neuroses — o que mais tarde Freud irá caracterizar como uma espécie de preço que o homem paga pela civilização. Aqui ele só menciona de passagem.

Das colocações de Freud pode-se depreender o perigo que reside no afrouxamento das pressões sociais externas. Quando o Estado e as instituições deixam de cumprir seu papel de sancionar condutas sociais — tendo perdido a autoridade moral exigida para isso —, observa-se a deterioração de toda a malha social, que se reflete na deterioração das condutas individuais.

A guerra faz com que se abra um fosso entre os preceitos morais e as verdadeiras inclinações pulsionais dos homens. O Estado, que antes se colocava como o grande guardião da ordem e da moralidade, transformou-se no exemplo do desrespeito, talvez mais próximo da barbárie.

Diz Freud: “Nossos concidadãos não desceram tanto quanto temíamos, porque nunca subiram tanto quanto acreditávamos”<sup>12</sup>.

## 2º Eixo: A lei e a violência

Para entrar nas questões relativas à lei e à violência, vou recorrer ao ensaio “Por que a Guerra?”

Freud se propõe a difícil questão colocada por Einstein: “Que fazer para proteger a humanidade da maldição da guerra?”<sup>13</sup>

Antes de mais nada ele afirma os limites da psicanálise, que nada pode fazer para evitá-la — questão mais apropriada para estadistas. Vai tentar responder como filantropo e como cientista da psicologia.

Retoma e desenvolve uma afirmação de Einstein. Diz: “O senhor começou com a relação entre direito e poder(...) mas permita-me substituir a palavra **poder** pela palavra nua e crua **violência**. Atualmente, direito e violência se nos afiguram como antíteses. No entanto, é fácil mostrar que uma se desenvolveu da outra”<sup>14</sup>.

Reporta-se às origens da humanidade — aos tempos da horda —, quando a decisão de conflitos se baseava exclusivamente na superioridade da força muscular. Posteriormente a força muscular foi substituída pelo uso de instrumentos, e daí para que vencesse quem tinha superioridade intelectual foi um passo. Baseado na força bruta ou no intelecto, o objetivo era um só: “Dominação por parte de qualquer um que tivesse poder maior”<sup>15</sup>.

No cerne desta passagem — do uso da força ao primado da lei — se encontra a consciência de que a união de vários indivíduos fracos pode alcançar uma força superior à de um único indivíduo.

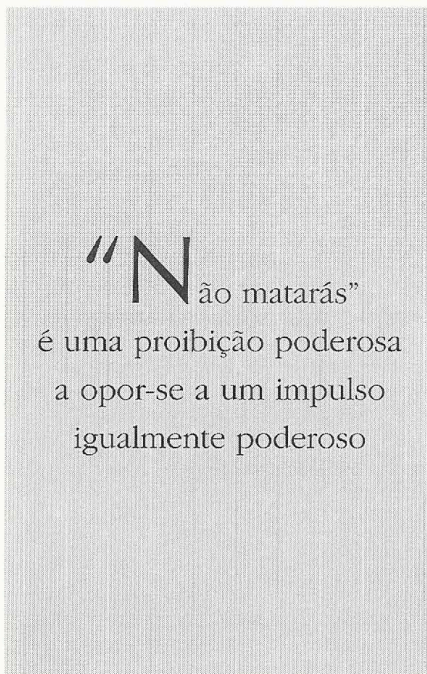
Entretanto, nesse percurso, a violência não desaparece, apenas muda a sua face e transforma-se em violência legal. Freud deixa isso transparente ao afirmar que essa lei “ainda é violência, pronta a voltar-se contra qualquer indivíduo que se lhe oponha(...) funciona pelos mesmos métodos e persegue os mesmos objetivos”<sup>16</sup>.

Para que essa transmissão se efetuassem, isto é, para funcionar como lei capaz não só de estabelecer regulamentos, mas também cuidar de sua manutenção, foi necessário que a união da maioria fosse estável, duradoura e cimentada por

vínculos emocionais entre os membros do grupo.

Mas esse equilíbrio é quebrado, já que apenas teoricamente o grupo é formado pela união de forças iguais. Na verdade, o que se observa é que, desde tempos imemoriais, a comunidade é formada por indivíduos de forças desiguais.

Dessa forma, diz Freud, “a justiça da comunidade passa a exprimir graus desiguais do poder nela vigente. As leis são feitas por e para membros governantes e deixa pouco espaço para os direitos daqueles que se encontram em esta-



do de sujeição”<sup>17</sup>.

Como o processo é dialético, a lei poderá vir a ser ignorada pela quebra do equilíbrio e da ordem. Ela estará sempre sujeita à correlação de forças inerente à disputa pelo poder. Freud coloca dois fatores de inquietação:

a) Certos detentores do poder buscam colocar-se acima das proibições e procuram escapar do domínio pela lei para o domínio pela violência;

b) Os membros oprimidos buscam obter mais poder e direitos iguais para todos.

Quero completar a discussão da lei e da ordem social introduzindo a questão da lei primeira e mais importante da humanidade: “Não matarás”. Essa lei é instituída a partir da culpa “pelo crime primevo da humanidade, que deve de ter sido um parricídio, a morte do pai primevo da horda humana primitiva, cuja imagem mnêmica foi depois transfigurada numa deidade”<sup>18</sup>.

Sabemos que na teoria psicanalítica essa proibição, juntamente com a proibição do incesto, está na base do Complexo de Édipo e possibilita a passagem da Natureza à Cultura<sup>19</sup>. A proibição, a princípio de não matar pessoas próximas e amadas, será depois estendida aos estranhos e aos inimigos.

A guerra quebra indiscutivelmente o equilíbrio mantido pela lei baseada nas instituições vigentes. Além disso, como mostra Freud nas “Reflexões...”, a guerra acaba abolindo esta última extensão da lei: “Não matarás os inimigos”. Pelo contrário, é justamente este o dever do guerreiro: matar inimigos transforma-o em herói.

“Não matarás” é uma proibição poderosa a opor-se a um impulso igualmente poderoso. Afinal, observa Freud, brotamos de uma série interminável de gerações de assassinos.

Pode-se dizer que não há apenas a quebra da lei e da ordem social. Ao estimular-se o combate aos inimigos — e sabemos que na situação de guerra a noção de “inimigo” pode ampliar-se perigosamente —, ocorre um apelo à manifestação das tendências reprimidas. Por isso, a guerra transforma-se num campo propício à regressão, tanto individual quanto coletiva.

Aqui cabe demarcar os limites da aplicação da teoria psicanalítica. Porque o equilíbrio de forças se altera dentro da comunidade, escapa à capacidade de compreensão dada pela psicanálise. O estudo da correlação de forças dentro da sociedade faz parte de outras searas — das Ciências Sociais, Políticas, Econômicas...

### 3º Eixo: As atitudes diante da morte

Em "Reflexões...", Freud observa que o homem moderno tende a apresentar naturalidade diante da idéia da morte; no entanto, diante de uma pessoa condenada, torna-se um tabu mencionar sua morte iminente. É incapaz de ter a representação da própria morte e evita pensar na morte de alguém que lhe é próximo. Tenta reduzir sua ocorrência a um fato fortuito, enfatizando suas causas e parecendo ignorar que sabe que ela é uma necessidade. Quanto maior o interesse dirigido à vida, menor a disposição em vê-la posta em risco.

A guerra transforma esse tratamento convencional da morte. Ela não é mais negada. Temos que acreditar nela. Muitos morrem, e não é mais um acontecimento fortuito. Paradoxalmente, a vida torna-se mais interessante. Ao ser posta em risco constantemente, recupera seu pleno conteúdo.

Como fez tantas vezes em sua obra, Freud recorre ao homem primitivo para tentar compreender o que permanece de primitivo em nós, no nosso inconsciente. Supõe que o homem primitivo teria com relação à morte atitude ainda mais contraditória que o homem moderno. Ele via a própria morte como algo sério, como o fim da vida, ao mesmo tempo que a negava e a reduzia a nada. Era indiferente para com a morte de estranhos e provocava a de seus inimigos com naturalidade, e até com prazer.

Acredita que para o primitivo a própria morte era tão inimaginável quanto a nossa o é para nós. "O inconsciente não crê na própria morte e comporta-se como se fosse imortal"<sup>20</sup>.

Mas uma circunstância fez com que as duas atitudes opostas colidissem e ele se colocasse o problema da morte. Foi quando viu morrer alguém que amava e sentiu como se tivesse perdido parte do seu próprio ser, o que o fez perceber que cada um pode morrer. En-

tretanto, dada a ambivalência dos sentimentos, esse mesmo ser era também odiado e por isso esta morte o agradava. E este ser, além do mais, era sentido como um estranho.

O que permanece primitivo no homem atual — o nosso inconsciente — teria tanta facilidade em matar quanto o homem primitivo. Há que se fazer, porém, a ressalva fundamental quanto ao que distingue a realidade factual da realidade psíquica: "O inconsciente não mata, só pensa e deseja"<sup>21</sup>. Mas não se deve subestimar a realidade psíquica.

**A** guerra transforma  
o tratamento convencional  
da morte.

Ela não é mais negada.

Paradoxalmente,  
a vida torna-se  
mais interessante.

ca. Quando dizemos "que o diabo o carregue", estamos desejando "que a morte o carregue".

Há uma dicotomia entre a atitude convencional — civilizada — diante da morte e a nossa atitude inconsciente. A guerra se choca com essa dicotomia, ela "nos despoja dos acréscimos ulteriores da civilização e põe a nu o homem primitivo que há em cada um de nós"<sup>22</sup>.

Outra abordagem da questão da morte nos leva ao conceito de pulsão de morte, que Freud utiliza em "Por que a Guerra?" A pulsão

de morte agiria não só em oposição, mas também em combinação com as pulsões eróticas ou de vida.

Considera isso uma complicação a mais, já que, quando alguém é levado à guerra, tem uma gama de motivos para se deixar levar — "uns nobres, outros, vis(...) Entre eles está o desejo da agressão e da destruição(...) A satisfação desses impulsos destrutivos naturalmente é facilitada por sua mistura com outros motivos de natureza erótica e idealista."<sup>23</sup> Essa é uma das razões que explicaria não só a adesão, mas também o entusiasmo com que os homens são levados à guerra.

É no campo do social que a pulsão de morte encontra sua força de expressão máxima. A guerra favorece a descarga de agressividade contra o inimigo. Assim, ela é dirigida para fora do grupo, permitindo a coesão grupal em torno de interesses comuns, o incremento da força moral (do superego) e dos processos de idealização.

Eugene Enriques<sup>24</sup> observa que quanto maior a crença da comunidade na importância da guerra, para sua sobrevivência ou sobrevivência de seus ideais (quaisquer que sejam), mais ela exigirá de seus membros uma dedicação sem reservas.

A morte é inerente à guerra. Mas, freqüentemente, quem vai à guerra não vai só em busca de destruir o inimigo. Vai também lutar por algo em que acredita, pelo qual está disposto não só a matar, mas também a arriscar a própria vida e/ou pôr à prova seu sentimento de imortalidade.

### Considerações finais

Ao procurar compreender o que se passa no inconsciente e como esses fatores podem, de alguma forma, trabalhar a favor da guerra, é possível lançar uma luz sobre a questão. Mas é preciso ter em mente que apenas essa compreensão não dá conta de explicar

os vários porquês que levam à eclosão de uma guerra.

Guerra alguma se faz em nome do universal, e sim do particular — minha pátria, minha riqueza, meu credo, meu... Será que, como supôs Freud, as tendências egoístas algum dia poderão ser suplantadas pelo altruísmo? A compreensão e a tolerância prevalecerão sobre o ódio e a intolerância? Não temos condições de saber.

O que sabemos é que a guerra — legítima ou ilegítima, segundo quaisquer pontos de vista — rompe a ordem social e expõe à morte os seus membros, à destruição seus produtos culturais e à inversão seus mais altos valores morais. Toda guerra traz em seu bojo a violência.

Freud tende a admitir que de nada vale tentar eliminar as tendências agressivas dos homens, mas se pode tentar desviá-las para outras formas de expressão que não a guerra.

Embora difícil na prática, ele crê que se poderia tentar contrapor Eros a Tanatos, procurando-se estreitar os vínculos emocionais entre os homens — através do amor ou da identificação.

O que me chama a atenção é que Freud não se rende aos fenômenos que observa. Tenta compreendê-los sem deixar de encarar o que possam ter de terrível ou vergonhoso. Compreendê-los sem tentar banalizá-los ou mistificá-los. Por mais que lhe possa ser penosa a quebra da ilusão, ele se move na direção da busca da verdade e do conhecimento<sup>25</sup>.

Há uma esperança que sobrevive em Freud. Próxima da desesperança, como pretende Eugene Enriques?<sup>26</sup> Utopica e por isso impossível, como pregam os nihilistas? Não creio. Não me parece que ele se coloque a questão do destino marcado.

Quero concluir com uma verdadeira declaração de princípios de Freud, que pode ser tomada como uma declaração de confiança no ser humano.

Dirigindo-se a Einstein, diz: "Por que o senhor, eu e tantas outras pessoas nos revoltamos tão violentamente contra a guerra? Por que não a aceitamos como mais uma das muitas calamidades da vida? Afinal, parece ser coisa muito natural, parece ter uma base biológica e ser dificilmente evitada na prática... A resposta à minha pergunta será a de que reagimos à guerra dessa maneira porque toda pessoa tem o direito à sua própria vida, porque a guerra põe um término a vidas plenas de esperança, porque conduz os homens individualmente a situações humilhantes, porque os compele, contra sua vontade, a matar outros homens e porque destrói objetos materiais preciosos, produzidos pelo trabalho da humanidade. Penso que a principal razão por que nos rebelamos contra a guerra é que não podemos fazer outra coisa. Somos pacifistas porque somos obrigados a sê-lo, por motivos orgânicos básicos, E, sendo assim, temos dificuldades em encontrar argumentos que justifiquem nossa atitude"<sup>27</sup>.

## Notas Bibliográficas

1. Freud, S. "Reflexões para os Tempos de Guerra e Morte", Obras Psicológicas Completas da Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro. Editora Imago, vol. XIV
2. ———. "Por que a Guerra?", op. cit., vol. XXII
3. ———. "Psicologia de Grupo e Análise do Ego", op. cit., vol. XVIII.
4. ———. "O Futuro de uma Ilusão", op. cit., vol. XXI.
5. ———. "O Mal-Estar na Civilização", op. cit., vol. XXI.
6. Laplanche, J. & Pontalis, J. B. ———. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1970. A noção de pulsão de morte foi introduzida por Freud em "Para Além do Princípio do Prazer" (1920) e foi constantemente reafirmada até o fim de sua obra (v. Pulsão de Morte).
7. ———. op. cit. De forma esquemática, a segunda tópica (que implica outra concepção da personalidade) faz intervir três "instâncias": o id, pólo pulsional da personalidade; o ego, instância que se situa como representante dos interesses da totalidade da pessoa e que como tal é investido de libido narcísica e, por fim, o superego, instância que julga e critica, constituída por interiorização das exigências e das interdições parentais. A noção de ego está presente na obra de Freud desde seus primeiros trabalhos (1894) e vai sendo paulatinamente modificada, mas a grande virada se dá a

partir de 1920 e é istematizada em "O Ego e o Id", de 1923 (v. Tópica, Tópico e Ego).

8. ———. op. cit. Esta concepção estrutural do Édipo vai ao encontro das teses de Levi-Strauss (v. Complexo de Édipo).

9. Freud, S. "Sobre a Transitoriedade", op. cit. vol. XIV. Vou utilizar-me aqui da tradução feita diretamente do alemão por Paulo César Souza e publicada no jornal Folha de S. Paulo em 23/09/1989, no caderno "Letras". Razões estéticas e maior fluência na linguagem fazem-me inclinar por esta tradução.

10. Freud, S. "Reflexões para Tempos de Guerra e Morte", op. cit., p. 316.

11. Mezan, R. "Freud, Pensador da Cultura". São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.

A respeito de fatores hereditários citados por Freud, concordo com Renato Mezan, quando ele observa: "Esta continuidade misteriosa exige, segundo Freud, a transmissibilidade das disposições psíquicas, que contudo devem ser estimuladas pelas vivências pessoais para produzirem seu efeito. É nesse momento que intervé uma citação de Goethe: 'Aquilo que herdaste de teus pais, adquire-o para possuí-lo...' cada indivíduo reproduzirá em sua trajetória o percurso mítico colocado nas origens da humanidade, para que o progresso continue a ser transmitido. Mas o fundamento dessa transmissibilidade — a hereditariedade das disposições psíquicas — é mais do que frágil" (p. 352). Acho útil acrescentar ainda que futuras descobertas da teoria freudiana, como a noção do ideal do ego e do superego como herdeiro do complexo de Édipo, que quebram esta cadeia civilizatória hereditária. A possibilidade da passagem da Natureza à Cultura faz parte da civilização, mas sua transmissão se dá através da conquista de cada indivíduo na resolução de seu próprio complexo de Édipo.

12. Freud, S. "Reflexões...", p. 322.

13. ———. "Por que Guerra?", p. 245.

14. Ibid, p. 246 (os grifos são meus)

15. Ibid, p. 247.

16. Ibid, p. 247

17. Ibid, p. 248

18. ———. "Reflexões...", p. 331.

19. Mezan, R., op. cit. Renato Mezan faz um esclarecimento relevante para a compreensão de questões tão fundamentais e complexas — "É importante aqui dissipar um mal-entendido comum: o crime não corresponde aos desejos edipianos; mas estão estruturados por ele. Matar o pai e dormir com a mãe são tendências que existem no inconsciente sob a forma de repressão e esta, praticamente, é instituída a partir do crime, e não o inverso". (ps. 347/8).

20. Freud, S., "Reflexões...", p. 335.

21. Ibid, p. 336.

22. Ibid, p. 338

23. ———. "Por que a Guerra?", p. 253.

24. Enriques, E. "Da Horda ao Estado — Psicanálise do Vínculo Social." Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda., 1990, p. 150.

25. Arendt, H. "Origens do Totalitarismo" São Paulo, Companhia das Letras, 1989. Segundo Hanna Arendt, a busca de conhecimento dentro dessa perspectiva implica "examinar e suportar conscientemente o fardo que o nosso século colocou sobre nós — sem negar sua existência, nem vergar humildemente ao seu peso", p. 12.

26. Enriques, E. op. cit., p. 154.

27. Freud, S. "Por que a Guerra?", p. 256/7.